

UMA CASA NA RUA JACERENDI

Tereza Marques de Oliveira Lima

Na Rua Jacirendi tinha uma casa.
A casa tinha uma calçada.
Nessa casa eu fui feliz.

Ali, minha avó reinava soberana entre plantas, aromas, sabores
e histórias de santas e princesas que chegavam até mim
no seu sotaque português.

Na calçada, Trás-os-Montes era imagem holográfica
que puxava uma cadeira para se juntar a nós
e a tantos outros que quisessem adentrar a casa sem chave no portão.



Elvira não era Penélope, mas suas mãos teciam tramas
com fios de linhas e agulhas, retalhos coloridos e lembranças.
Enquanto as palavras, grávidas de alumbramento,
aceleravam corações,
em cada quadrado ela construía um mundo ordenado, sem caos.
E éramos nós e ele.

Nós, ali, parados.

Eu, minha sombra, o cachorro Leão

e a imagem holográfica de Trás-os-Montesque, volta e meia,
com um movimento de cabeça, indicava que sim, podíamos confiar nela,
nas borboletas e unicórnios nos céus das plantações de oliveiras,
porque esses mundos existiram, tudo era real.

Real em cada coração de quem neles viveu.

Real no coração de quem os conheceu pela magia da partilha.

Real no coração de quem não os viveu,

nem ouviu histórias sobre eles,

mas iria, um dia,

adentrar esse espaço e se maravilhar.

Na Rua Jacirendi,

no bairro Estação de Colégio,

onde um trem passava para lá e para cá,

logo ali,

depois do subúrbio de Irajá,

tinha uma casa.

A casa com uma calçada

onde o Sol e a Lua se encontraram e se amaram.

Nessa casa eu fui feliz.